

Alexandre: O encontro com Cristo é um encontro humano que me atrai e me muda. E o Movimento é só isso. A experiência do Movimento é só isso: o encontro com o homem Jesus Cristo, dentro da carne, hoje. Cristo é presença, não é espírito fora da realidade, é uma presença. E o caminho do Movimento nos oferece, como um grande pedagogo, passos através dos quais a gente possa aprender, e isso se torna cada vez mais concreto e perceptível. Uma das coisas que mostra a genialidade de uma proposta pedagógica qualquer é que você vai aprendendo sem se dar conta dos passos que você está dando. Porque ela é tão natural, ela vai entrando tão por osmose em você, que aquela coisa começa a fazer parte de você.

FUNDO COMUM

A primeira coisa que eu quero dizer é que na Itália, e agora também já na Europa, uma série dos chamados adultos jovens (quer dizer, pessoas de 30, 40 anos, mais ou menos), têm levantado questões, por exemplo, sobre como ser ajudado a escolher carreira, em que escola colocar os filhos (que é um tema importante), que tipo de casa comprar e como usar o dinheiro. E o que se percebeu? Que os nossos são tentados enormemente ao burguesismo. O mundo hoje tenta, todos nós somos tentados a um padrão de vida burguês. Por que ter filhos? Ou por que ter muitos filhos? Típico exemplo. Pouquíssimos nossos amigos jovens, fora da Igreja, pensam nisso. E essa tentação do burguesismo chega a nós também. A coisa mais interessante é que no encontro de Conselho de Presidência recentemente foi colocado: mas nós temos uma proposta para enfrentar essa questão e para aprender a enfrentar os desafios do trabalho – por exemplo, o burguesismo, toda a lógica de poder que existe – nós temos uma coisa. Chama-se fundo comum. Eu pensei “Espera... Como assim?” No ano que vem a gente vai se ajudar a aprofundar isso. Eu só estou lançando para vocês terem isso no horizonte.

O FC no Movimento, para quem não lembra, eu já acenei, nasceu com o Brasil. Nos anos 50, os primeiros, no final dos anos 50, os primeiros vieram para cá e foram 100% sustentados pelo Movimento que era feito de adolescentes. Dom Giussani propôs o FC pensando como proposta para a missão, e para dar a todos um horizonte do mundo de um ideal grande. A gente às vezes trata o FC como dízimo, como para cobrir as nossas despesas. No nosso carisma não é essa natureza, não foi daqui que ele nasceu. O Fundo Comum é para colocar diante dos nossos olhos um horizonte do tamanho de todo o mundo. Uma dimensão missionária. Então, imagina que, na estrutura de trabalho que eu tenho, o fato... Eu almoçava ontem com o Fabiano/SP, que me diz exatamente isso: “Alexandre, você não tem ideia do que gera em mim, a inteligência nova que gera em mim, o fato de que eu dou o dinheiro, de que eu pego do meu dinheiro e dou. Isso gera em mim uma inteligência nova no trabalho”. É lógico! Porque dá um horizonte distinto. E isso gera pobreza. Porque a gente fala que o FC é para sustentar as nossas despesas e para nos educar à pobreza, mas entendamos o que significa educar à pobreza: significa ter no horizonte o mundo inteiro. Eu quis começar já falando do FC depois da colocação do Tiago/SP, para ajudar a perceber como as propostas que a gente faz, por exemplo, a do FC, são essenciais para todo mundo no dia 1 do Movimento. No dia 1 do Movimento eu proponho dando as razões. Nós, responsáveis do Movimento, precisamos ter claras as razões dos gestos.

CARITATIVA/OBRAS

Nós já ouvimos muitas vezes falar da caritativa. Que a caritativa é uma proposta para todo mundo, e tem de precisa e clara. Precisa haver essa experiência de caritativa que, em si, é comunitária. Ela é comunitária na sua forma, sempre. Mas além disso, além da caritativa, eu queria chamar a atenção de uma coisa para vocês. O Movimento, Dom Giussani sempre nos educou a reconhecer as necessidades e buscar responder a elas. E eu tenho a impressão de que a gente está um pouco enferrujado nisso. Quando que eu tive essa impressão? Estávamos no retiro da Fraternidade, estava acontecendo uma tragédia no Rio Grande do Sul, com as chuvas. Nós ainda estávamos no sétimo céu da Fraternidade, e eu já tinha recebido quatro

WhatsApps de pessoas da Itália dizendo: “Como podemos ajudar?” Eu falei: a tragédia é no meu país, a gente ainda não se articulou, e eles lá... É assim, pessoal, esse é o nosso carisma. Dom Giussani nos educou a reconhecer e buscar responder às necessidades. Então, além da caritativa, que é para a gente aprender a gratuidade, eu queria propor para vocês uma coisa mais: **tenham nos olhos e nos corações de vocês as nossas obras sociais**. Se interessem pelas obras sociais que nascem do Movimento, que estão aqui dentro. Seja para rezar por elas, mas se interessem pelo que acontece. O interesse pelas nossas obras sociais vai, com o tempo, nos educar nessa atenção à necessidade e responder. Vocês não têm ideia do que é para mim ter, de 15 em 15 dias, Fraternidade com os Sem Terra. Como eu sou educado a perceber isso! Além dos Sem Terra aqui em São Paulo, tem a AVSI, tem a CDM, o Centro de Solidariedade de Macapá, as obras lá em Parintins... Existem “N” obras sociais nossas. Carreguemos elas nos olhos e nos corações, para sermos educados a reconhecer as necessidades do nosso povo e sermos criativos em contribuir na resposta a elas.

CULTURA

Agora, um tema mais quente – mais quente não, mais amplo – que é a questão da cultura. Pois bem: os bispos, a Igreja, estão nos pedindo isto: uma atenção, uma presença no ambiente. Eu contei com a ajuda do Otoney/SSA, da Marcela/BH, desde o início do ano, e depois da metade do ano também com o Borba/SP, para nos ajudar a entender como desenvolver em nós, recuperar em nós a audácia de sermos presença no ambiente e um desafio à cultura e à mentalidade comum. “Gestos que rompem com a normalidade”. Pessoal, esses meus amigos me ajudaram a perceber que o Movimento – por isso que os bispos falam assim conosco – o Movimento é riquíssimo na educação à cultura, e a gente precisa se dar conta disso. A maior educação acontece através da **Escola de Comunidade**. E agora, com os encontros que a gente está fazendo com todos os responsáveis de EdC do Brasil inteiro, isso está ficando cada vez mais evidente. A EdC é a origem de uma posição cultural nova. Só o fato de te provocar continuamente a partir da realidade, a comparar tudo com o coração, a verificar, isso está nos educando e formando em nós uma cultura nova. Além disso, a gente tem a **Revista Passos**. Temas mais quentes, culturais, estão lá na Revista. E é importante a gente perceber que ela existe como educação também a isso. Além disso, a gente tem uma coisa pouquíssimo utilizada, que se chama o **livro do bimestre**. Ninguém mais gosta de ler. Vocês percebem como o Movimento cuida da educação de cada um de nós, com propostas simples como essas? Ou eventos culturais, como **RioEncontros**, ou que acontecem em outras cidades. Pois bem, a gente pensou que era importante tomar consciência de toda essa educação a uma cultura nova que nasce da fé e nos ajudássemos a tornar isso cada vez mais público. Há um mês, na EdC com os Sem Terra, saiu a pergunta entre eles: “o que é esse negócio de cultura? Será que é coisa para intelectual? O que é cultura?” e tudo o mais. E o Eliandro/SP falou: “Sabem como vocês cuidam das coisas agora, e botam a toalha bonita, a comida, e buscam atender a tudo? Isso é uma cultura que vocês desenvolveram”. E a Cleusa falou: “nós aprendemos isso com o Movimento, porque nós não éramos assim”. Isso é um exemplo de como do encontro com Cristo nasce uma cultura nova. “Para nós, agora, é importante o cuidado com a beleza da sala onde a gente vai fazer o encontro” – eles estavam falando. É desse nível de cultura que estamos falando. Quando a gente fala de cultura, não é dos intelectuais. A gente está falando daquela cultura que transborda de um povo novo.

Pois bem, para ajudar tudo isso, a gente pensou em fazer uma **proposta para todo mundo**. Livre! Cada comunidade pelo Brasil afora verifica se dá para seguir ou não. A proposta é aproveitar do início do ano e do conteúdo dessa última Revista Passos que traz artigos interessantíssimos sobre educação – tema que tem a ver não só com a escola ou a universidade, mas a educação dos filhos, a família, a educação no ambiente de trabalho - e cada comunidade pelo Brasil afora fazer um gesto público com esses artigos. Atenção: a Alessandra está sozinha em Araraquara? Ok, propõe ler juntos um desses artigos no Salão Paroquial, por exemplo. Isso é um gesto público que ela vai fazer na paróquia dela. “Olha, tem esse artigo sobre educação, vamos ler juntos?”. A questão não é convidar o Secretário de Educação do Município e

fazer num auditório. Claro, nas cidades onde há mais infraestrutura, fazer essa proposta e convidar pessoas formadoras de opinião, autoridades no assunto, pessoas públicas, em auditórios, isto será bem vindo. Aproveitemos desses textos, lendo juntos e propondo isso publicamente ou um diálogo sobre esses artigos. Cada comunidade, dependendo do seu tamanho e dos seus recursos, pode pensar nisso.

Fica a proposta, considerem o início do ano – fevereiro, março, mesmo abril – para aproveitar do material já publicado na revista agora, que está em circulação, e fazer uma proposta pública do tamanho que cada comunidade considerar adequada para a sua cidade.

Além disso, existem **centros culturais** em diferentes cidades do Brasil, mas muitos deles não são formalizados. Mas existe um centro cultural, que é o do Rio de Janeiro, **Fato e Presença**, que nasceu de uma amizade muito bonita, portanto, é um sujeito evidentemente comunitário, e que faz um gesto público já tradicional, que é o **Rio Encontros**.

Então a gente queria propor duas coisas: primeiro, considerem, os centros culturais do Brasil afora, se a melhor coisa para vocês é se formalizar como centro cultural com CNPJ, etc., etc., ou ser um braço do centro cultural Fato e Presença. Nós somos poucos, por que multiplicar todo o esforço e gasto financeiro de manter uma associação? Por que não se apoiar numa associação que já existe e que funciona? E, assim, até o portfólio nosso de eventos feitos começa a se multiplicar. Obviamente eu já conversei com o Fato e Presença, obviamente eu conversei com alguns centros culturais. Não estou tirando nada da cartola. Isso já é fruto de uma conversa. Acho importante vocês, como responsáveis, terem presente esse horizonte com que a gente está vivendo. E, por isso, eu acho que vale a pena que cada vez mais a gente conceba o Rio Encontros como um encontro realmente nacional, que é assim que ele nasceu: uma proposta nacional. Isso não diminui em nada as iniciativas que devem continuar a acontecer nas cidades. Mas é interessante poder falar: “olha, esse encontro aconteceu em São Paulo, mas tem um encontro de dimensão nacional que acontece no segundo semestre no Rio de Janeiro”.

Para tudo isso, a gente precisa de ajuda, porque a gente não sabe fazer isso sozinho. E, por isso, a Diaconia do Brasil pediu para o Borba/SP nos ajudar a costurar tudo isso. Ele vai mapear identificando as diferentes expressões culturais que nascem da nossa fé (por exemplo, o encontro do Sérgio em Ribeirão Preto) pelo Brasil afora, e vai tentar torná-las mais conhecidas, difundidas, e ajudar cada uma dessas realidades a se desenvolver de alguma maneira. Foi do Borba a ideia dos encontros sobre educação baseados no texto da revista. Foi já do Borba a ideia de dizer: “por que multiplicar os centros culturais? Por que não nos apoiar?” Então, o Borba, a partir de janeiro vai estar com essa função, mas já agora no diálogo com ele estão nascendo essas ideias, que me parecem bastante interessantes. Vamos poder nos apoiar nesse nosso amigo que tem disponibilidade e tempo para ajudar nisso. Porque o Fato e Presença, o Centro Cultural do Rio de Janeiro, tem uma série de mostras, de exposições já prontas, que eles podem disponibilizar. Eles têm uma mostra lindíssima sobre Madre Teresa de Calcutá; uma outra mostra sobre o Livro de Jó; uma coisa belíssima sobre Jérôme Lejeune, aquele que descreveu a Síndrome de Down. Acho que são dez mostras já prontas. Se vocês quiserem fazer uma exposição na cidade de vocês, é só entrar em contato com eles. Algumas dessas mostras são físicas, com painéis, outras são digitais, que vocês podem acessar e imprimir e expor nas suas cidades.

Ainda fica, porém, aquela questão de que a gente precisa não só desse desafio para estarmos mais presentes publicamente, mas recuperar o que a gente faz na Escola de Comunidade e que tem uma dimensão gigantesca, que é **judgar**. Judgar as coisas a partir da própria experiência. E daqui eu queria dizer duas coisas: primeiro, que a Revista Passos fez uma pesquisa com os seus leitores e uma das necessidades que os assinantes disseram é: “a gente sente essa necessidade de aparecerem juízos daquilo que acontece”. Existe um problema: a revista sai de dois em dois meses, então não tem aquela agilidade diante de fatos que acontecem e que demandam juízos mais imediatos, mas o site tem. Então, uma das coisas é tentar publicar no site juízos de temas atuais e tópicos com mais frequência; segundo, eu queria contar para

vocês que nasceu uma iniciativa de um grupo de amigos que se autointitulou “**Confraria Pé na Terra**”. Eles têm uma conta chamada *Penaterra* no Instagram, que eu peço para todos vocês, por favor, começarem a seguir. O grupo é constituído por um amigo de Macapá, um de Aracaju, um de Salvador, um de Belo Horizonte, um de Petrópolis e um de São Paulo. Eles fizeram uma postagem há dois dias. A proposta é, a partir da própria experiência, emitir um juízo. Não é Comunhão e Libertação, é a Confraria Pé na Terra, porque precisava dessa liberdade de emitir um juízo talvez até falando uma besteira. Então não podia comprometer o nome do Movimento, diferente do que vai sair no site da revista. É o nome deles que está em jogo, da Confraria, não do Movimento. Mas a coisa bonita foi eles perceberem, aceitarem o desafio de arriscar, arriscar emitir um juízo. Por exemplo, pensando nos colegiais, como são curtinhos os textos, são textos de 150 palavras, pode ser uma ocasião de se conversar com os colegiais sobre esses temas. Os juízos que serão publicados (só para vocês entenderem os temas), são: as “bets” (essas apostas), a situação das “bets”, a situação do suicídio assistido daquele grande escritor Antônio Cícero, o quase golpe de estado (até em política eles se aventuraram), o filme “Ainda estou aqui”. A meta deles é uma só, não é numérica, a meta deles é extrapolar horizontes. Por isso, reencaminhem para pessoas fora do Movimento segui-los.

Um outro aspecto que a gente viu que educa o nosso povo é o **canto e como a gente aprendeu a apreciar a música**. Por isso, no próximo ano, vai voltar a acontecer o **encontro nacional de cantos**. Surgiu a ideia de que a forma com que a gente vive a liturgia também passa uma identidade nossa própria. E estamos conversando com o Padre Giovanni/BH sobre a possibilidade de fazer um curso online sobre como a gente vive a liturgia. Porque pode ser uma educação quando a gente pensa nas comunidades espalhadas por aí afora. Sobre datas e como isso vai ser construído, depois vocês vão ser informados.

FÉRIAS

O tema das férias que a gente propôs é “Há esperança”, que tem a ver com o trabalho que a gente está fazendo com os Exercícios da Fraternidade, mas tem a ver com o Jubileu que o Papa Francisco instituiu sobre a esperança. Especificamente sobre as férias, a comunidade de Belo Horizonte deu um passo e, desejando que o acampamento fosse mais missionário para a realidade dos mineiros, e eu desejoso de que a beleza do acampamento acontecesse em mais lugares, fica a proposta de que as vagas do acampamento sejam de privilégio deles, BH. Portanto, o mundo afora que estava se programando para ir ao acampamento de BH, cogite propor o acampamento nas suas cidades, pegando consultoria deles sobre como se faz.

JUBILEU

Está sendo proposto um gesto internacional em Roma, na primeira semana de junho, **dias 7 e 8/6**, que é o Jubileu dos Movimentos com o Papa. O Papa vai encontrar todos os movimentos e nós vamos estar lá presentes. É aberto para quem tem a disponibilidade e condições de ir, de participar com o Movimento no encontro do Papa. No Brasil, vamos ficar atentos às propostas das dioceses e nos envolvermos localmente com as iniciativas.

DATAS

- Exercícios da Fraternidade:

Exercícios da Fraternidade 2025: 25 a 27/04/2025. Serão propostos na mesma modalidade de 2024, ou seja, cada cidade organiza o gesto localmente e se conecta com São Paulo para os momentos de palestras. Em São Paulo, os EE serão em Mariápolis

- **Assembleia de Responsáveis do Brasil:** 14 e 15/06/2025, na modalidade presencial, em Itaici/Indaiatuba- São Paulo. Programem-se e adquiram já as passagens para o custo não ser excessivo.